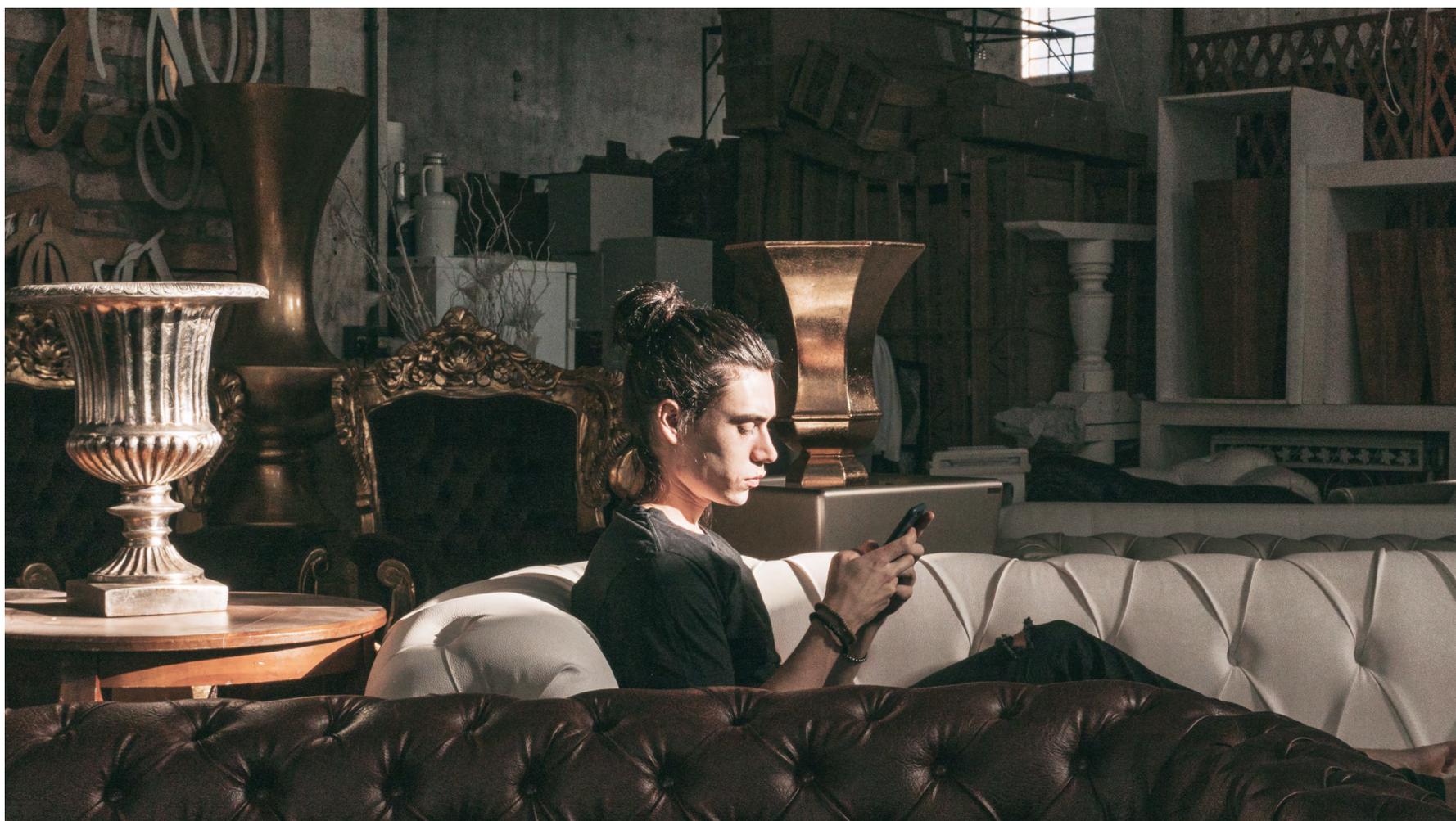


carlos donaduzzi



do outro lado do silêncio

curadoria: sandra rey

catálogo da exposição

PPGART
editora

carlos donaduzzi

do outro lado do silêncio
catálogo da exposição

1ª edição

santa maria
editora ppgart
2019

D674d Donaduzzi, Carlos
Do outro lado do silêncio [recurso eletrônico] : catálogo da
exposição / Carlos Donaduzzi ; [curadoria] Sandra Rey. – 1. ed. –
Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2018.
1 e-book : il

978-85-93462-10-8

1. Arte 2. Fotografias – Catálogo 3. Vídeos – Catálogo I. Rey,
Sandra II. Título.

CDU 7.036
77

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

sumário

| | |
|----------------------------------|----|
| apresentação | 6 |
| karine perez | |
| texto curatorial | 8 |
| sandra rey | |
| série: do outro lado do silêncio | 14 |
| visões cotidianas | 23 |
| carlos donaduzzi | |
| currículos | 28 |
| créditos | 30 |

É com satisfação que a Sala Cláudio Carriconde recebe, de 21 de maio a 6 de junho de 2018, a exposição intitulada “Do outro lado do silêncio”, de Carlos Donaduzzi, ex-aluno da UFSM que retorna à instituição para mostrar sua recente pesquisa artística de doutorado, em desenvolvimento no PPGAV da UFRGS, sob orientação de Sandra Rey, atual professora visitante no PPGART da UFSM e curadora da exposição.

apresentação

karine perez

A exposição “Do outro lado do silêncio” pode ser encarada como um convite para apreciarmos a pausa, pois solicita a suspensão das atividades corriqueiras do cotidiano, para vivenciarmos um período marcado por paradas frente às obras e deslocamentos lentos pela sala expositiva, a fim de mantermos a atenção e percebermos as sutilezas contidas nas imagens. O silêncio e a temporalidade estagnada nos vídeos de Carlos Donaduzzi, e nas figuras fotografadas, desconcerta-nos o pensamento; são prenes de questionamentos sobre o tempo atual; constituem-se num silêncio potente e ruidoso, que nos provoca e ecoa em nossos sentidos.

Karine Perez
Coordenadora da Sala Cláudio Carriconde – CAL/UFSM



VR Experience

do outro lado do silêncio

sandra rey

No decorrer das últimas décadas vimo-nos participando da explosão e invasão das mídias em nosso dia-a-dia, e contribuindo para a expansão de seu consumo em escala generalizada. Um fluxo descontrolado de imagens passou a penetrar em nossas vidas — e nós a fomentá-lo — levando-nos à consagração do derrisório. Celebrações, alegrias e também as dores, desde as mais singelas, ingênuas, mesmo tolas, até as vitórias ou perdas pessoais, tudo é compartilhado, em tempo real, nas mídias sociais.

Há pouco mais de uma década, as esferas íntima, privada e pública vêm friccionando-se e contaminando-se, sem pudor, nas redes virtuais. A superfície exígua da tela de nosso smartphone dá acesso a evasão, e precipita-nos em deambulações por mundos heterogêneos, que nossa realidade física não consegue alcançar. Daí a fascinação em permanecer por minutos que se somam às horas, abstraídos do mundo à nossa volta.

O irrisório tomou conta de nossa existência e passamos a viver uma vida dupla: metade suor e sangue, metade os números e os cálculos que formam as imagens virtuais sem identidades fixas, mutáveis, com as quais vamos tecendo relações sem deter-nos na superfície, mergulhando fundo nas tramas ilusórias e, tal qual Alice do Outro Lado do Espelho, oscilamos entre o imaginário e o real, discernindo com dificuldades os processos computacionais que se interpõem, invisivelmente, para conformar as interfaces entre nós, o virtual, e o real.

As redes virtuais contaminam insidiosamente nosso modo de ser e de nos relacionar, nosso modo de comunicar, e de silenciar. Podemos falar em desvio, já que a imagem virtual é ucrônica e distópica, já que rompe com o muro do tempo e as barreiras do espaço, projetando-nos para fora do aqui-agora, suspensos entre a realidade dos átomos e moléculas e a virtualidade do pixel e dos bits.

Sem dúvidas, vivemos um tempo de muitas dúvidas e poucas respostas. Um tempo de incertezas, em que nada é estável, tudo é fluxo. As marcas do nosso tempo são a velocidade espantosa da mudança e a imprevisibilidade do futuro. Perante a realidade, mal conseguimos disfarçar o desencanto e desespero. O mundo está em transe e temos dificuldades em projetar alguma utopia.

Diante do espanto por não conseguir estabelecer um vínculo que faça sentido entre o que projetamos em nossas vidas e as condições que temos para alcançar os nossos sonhos, forjamos o fascínio em deambular nas redes virtuais, saltando de link em link como se nosso dedo fosse a varinha mágica que realiza desejos ao comando de um simples apoiar ou deslizar de ícones.

É sobre esse momento, social, político, econômico e pessoal, do mundo em transição que nos coloca em suspensão, parece-me, que as fotografias encenadas de Carlos Donaduzzi comunicam silenciosamente. A fotografia, por natureza, coloca-nos em contato direto com o mundo e tem contribuído para ancorar a arte no cotidiano, no banal, no familiar, no ordinário.

As fotografias aqui apresentadas encenam situações que representam gestos e atitudes triviais, a quais estamos familiarizados no dia-a-dia. Cenas aparentemente insignificantes, porém, quando vistas, assim, em conjunto na exposição, percebemos que o artista as impregnou de estranhezas porque, ao compor as cenas, soube extrair certos traços singulares dos instantes mais anódinos da vida cotidiana, orientado por uma seleção de situações que colocam em discussão a recorrente ascendência das mídias em nossas rotinas.

Mas não se restringem aí as questões colocadas pela pesquisa que Donaduzzi vem desenvolvendo no contexto de seu projeto artístico, de pesquisa no doutorado. Revisitando a obra de Edward Hopper, — esse notável artista que tão bem soube traduzir em imagens a solidão urbana e a inercia do homem em paisagens abertas e desertas, impregnadas por uma luz estranha e melancólica — Donaduzzi atualiza a atmosfera de silêncio, marcantes nas pinturas do pintor americano, em fotografias e sutis animações encenadas em espaços fechados, impregnadas pelo sentimento de absorção, e de isolamento. O enquadramento que segrega os personagens numa relação de incomunicabilidade, à exceção da superfície exígua e dialógica da tela de um dispositivo eletrônico, evoca a densidade dramática e conceitual das situações cotidianas que Hopper criou, ou seja, a solidão, o vazio, a estagnação.

Mas as fotografias e vídeos que compõem a exposição “Do outro lado do silêncio” evocam algo mais. Evocam ainda uma certa noção de “sublime tecnológico”, e uma inequívoca

ambiguidade, que coloca a identidade e o sentido em suspense, visto que, nas cenas, se hibridam — e se mantêm em transe — sujeito, objeto e imagem. O sujeito transpassado e absorvido pela interface é o que Mario Costa denomina, justamente no livro *O Sublime Tecnológico*, de “hipersujeito planetário”.

Esse “hipersujeito planetário” seria o indivíduo atravessado por uma subjetividade tomada emprestada que leva o sujeito a revestir-se de outras identidades, hibridar-se com outros sujeitos em diferentes situações.

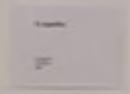
Se metaforicamente o “hipersujeito planetário”, assim como Alice, “passa para o outro lado do espelho”; a sagacidade presente em “Do outro lado do silêncio” projeta-se para além da sensação de sublime suscitada pelas qualidades estéticas das fotografias: encena esse “hipersujeito planetário” para fazer-nos compreender como os dispositivos capturam e dão forma ao sujeito que nele se produz, e o fazem funcionar.

Sandra Rey
Maio, 2018



Small white label or plaque located below the photograph of the man at the desk.





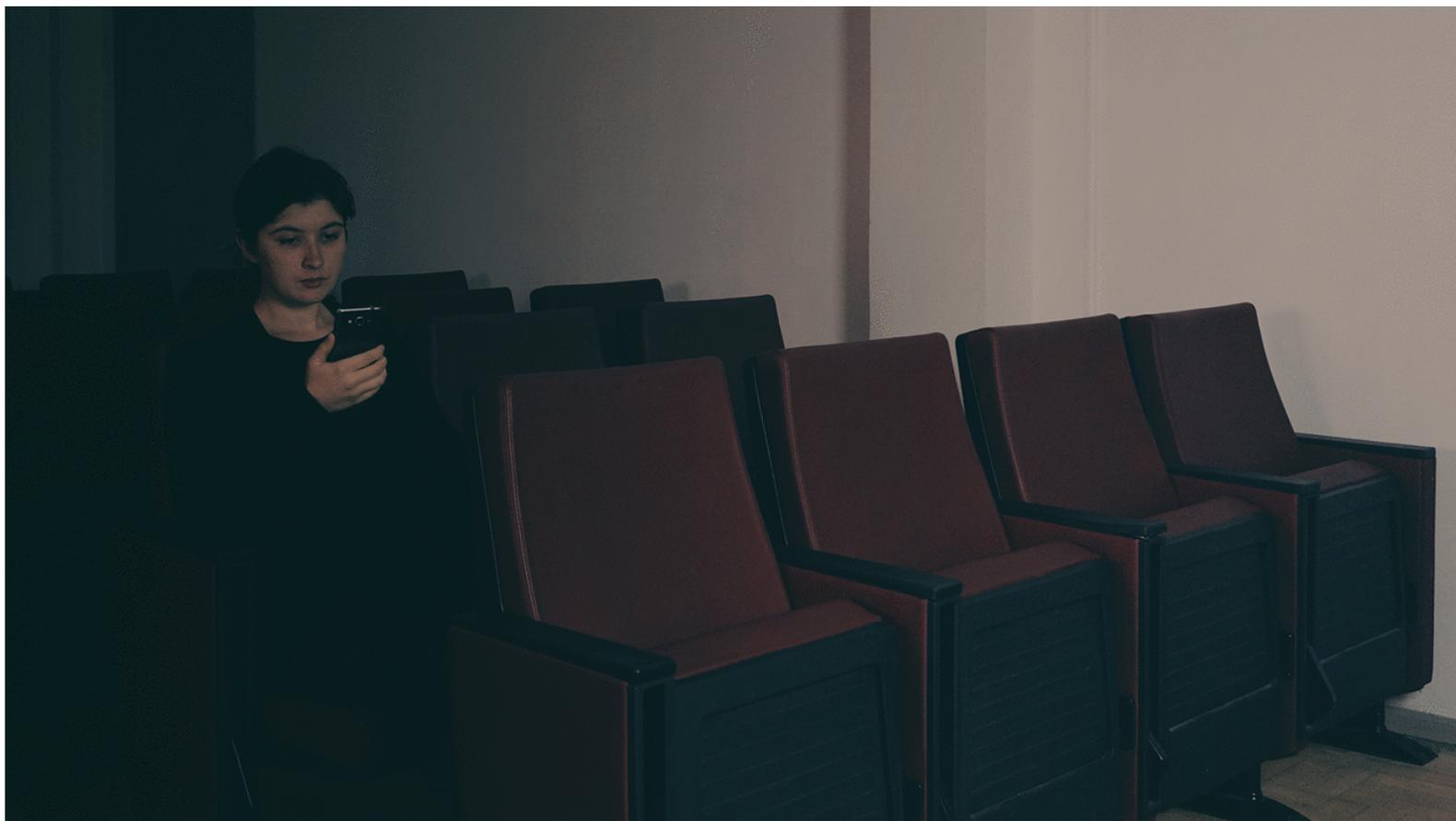


10. THE LIVING ROOM
11. THE BEDROOM
12. THE BATHROOM



série
do outro lado do silêncio

carlos donaduzzi



(suporte de apresentação)

Sessão de um filme sem nome (Link da obra: <https://vimeo.com/262864652>)

Vídeo

(tela de LCD em moldura)

1 min 09 s (loop)

38 x 30,5 cm

2017



(suporte de apresentação)

Entardecer das escolhas (Link da obra: <https://vimeo.com/262852991>)

Vídeo

(tela de LCD em moldura)

1 min 35 s (loop)

38 x 30,5 cm

2017



(suporte de apresentação)

Tertuliano Máximo Afonso assiste um filme (Link da obra: <https://vimeo.com/262879716>)

Vídeo

(tela de LCD em moldura)

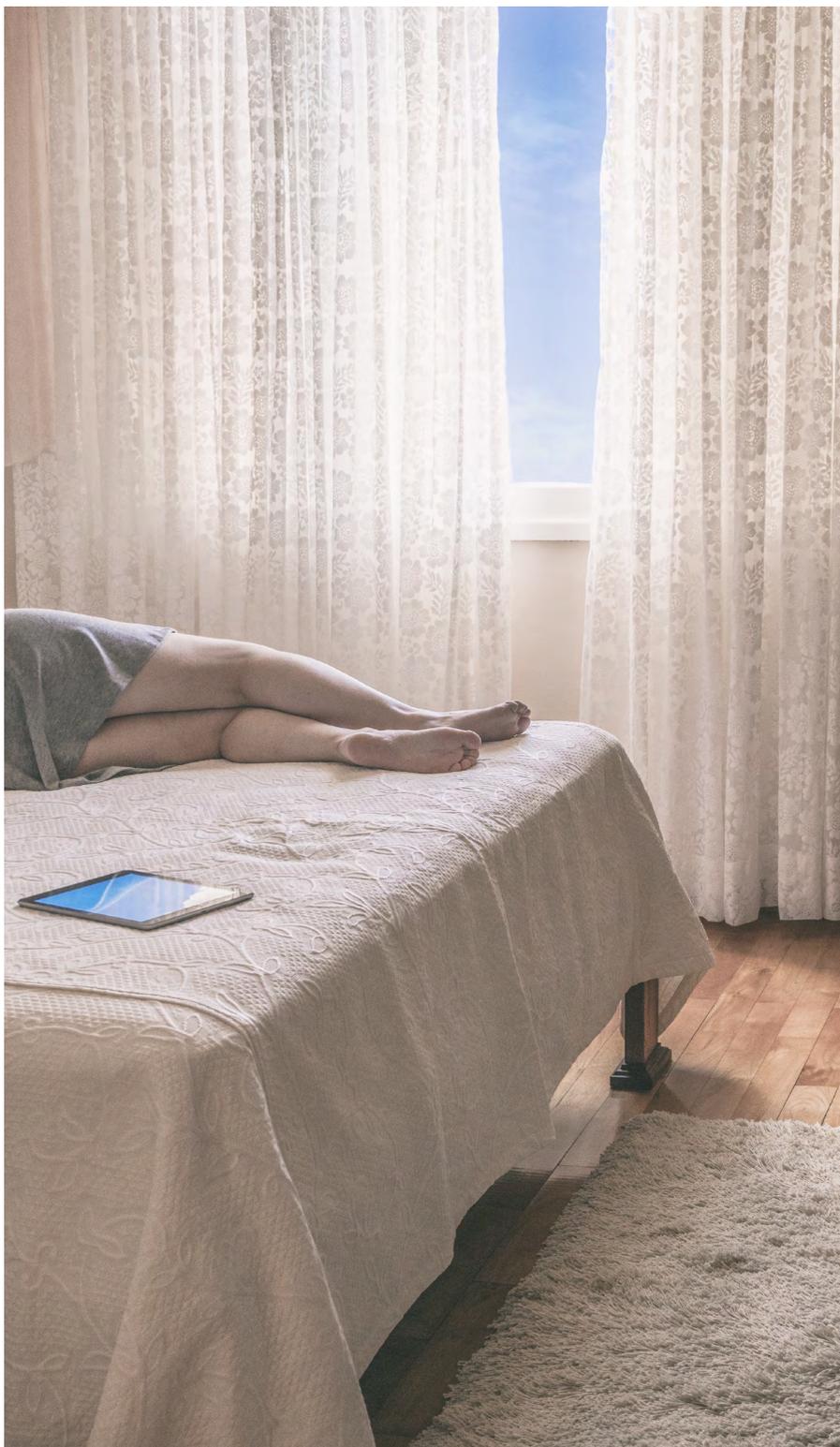
1 min (loop)

38 x 30,5 cm

2017



Vazio acumulado
Fotografia
125 x 70 cm
2018



O espelho
Fotografia
70 x 125 cm
2018



Insira sua obra de arte preferida

Fotografia

125 x 70 cm

2018

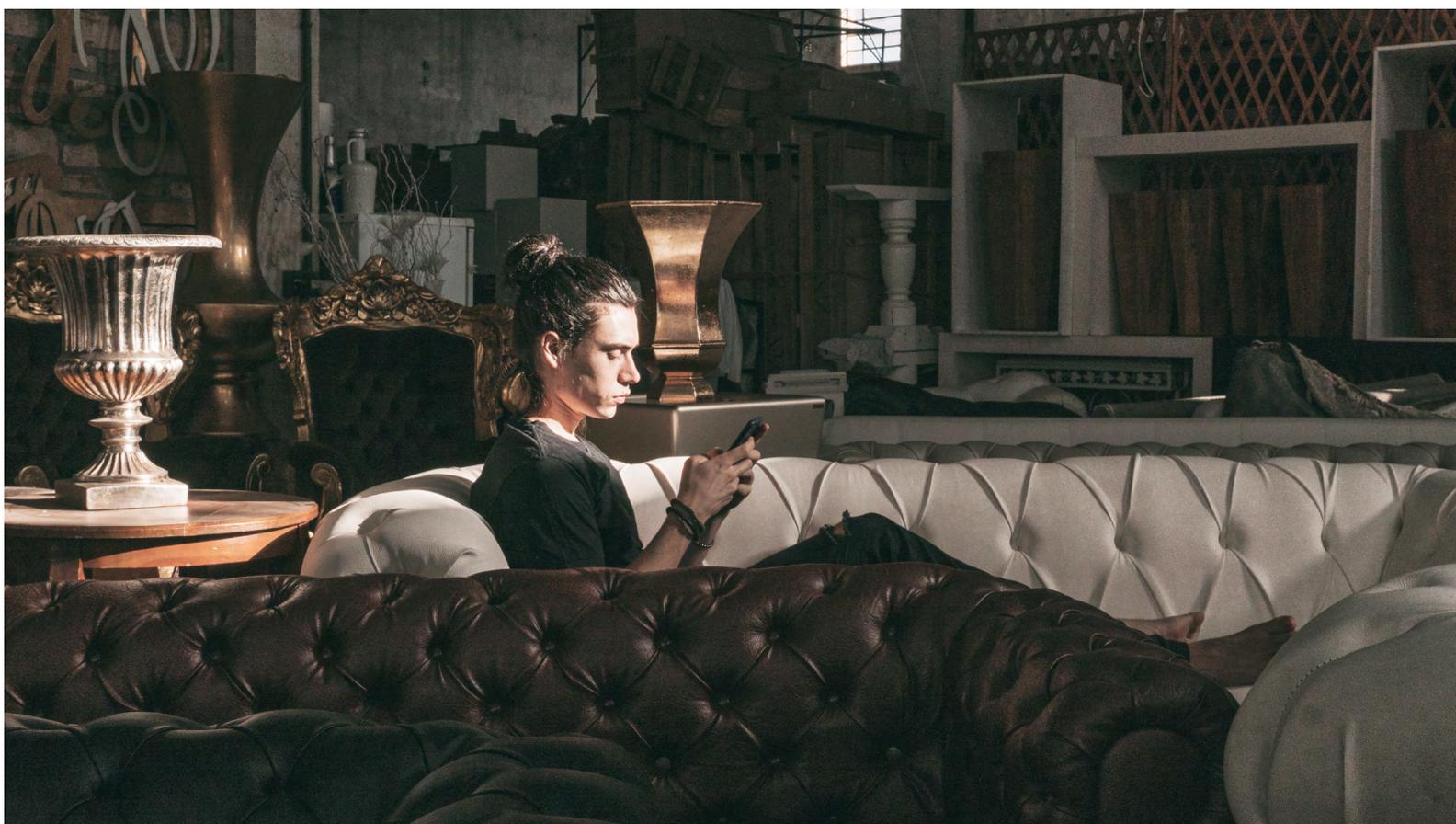


Já não consigo mais viver nesse mundo

Fotografia

125 x 70 cm

2018



Uma e muitas pessoas

Fotografia

177 x 100 cm

2018

“... o excesso de fala hoje nos convida a pensar o seu contrário
– o silêncio – como uma forma de sobrevivência
da experiência.”

Adauto Novaes

visões cotidianas

carlos donaduzzi

Como ideia geral a série “Do outro lado do silêncio” pretende apresentar os primeiros resultados de uma experiência poética desenvolvida no Doutorado em Artes Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-UFRGS).

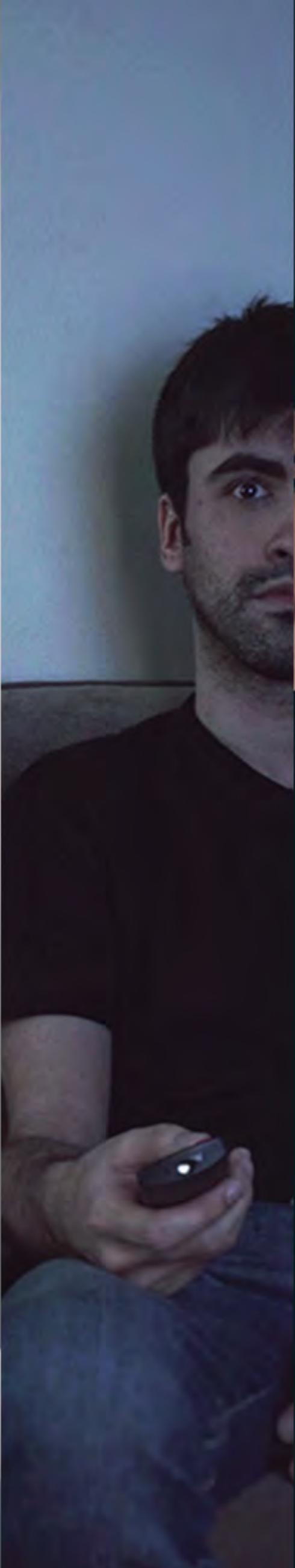
Este trabalho tem como intuito revisitar um pensamento em torno do cotidiano através de referências diretas às pinturas realizadas pelo artista plástico Edward Hopper. Essas construções, a partir fotografias e vídeos que destacam naturalismos encenados estabelecem um inventário de percepções diante do comportamento dos indivíduos na sociedade contemporânea, destacando aspectos relacionados a uma atmosfera de silêncio, solidão e incomunicabilidade.

A citação a Hopper refere-se à interpretação que percebe a capacidade do artista em retratar aspectos íntimos de uma sociedade em transformação. E também, pela possibilidade de diálogo de sua pintura com questões pertinentes aos campos da fotografia e do cinema, sobretudo a intenção de narrativa. Esse efeito cinematográfico observado em Hopper refere-se a um instante que parece transbordar para fora do quadro, um olhar de continuidade que possibilita discutir sobre o conceito de montagem, não somente enquanto elemento do cinema, mas a partir de atravessamentos e contágios com as sintaxes da pintura e da fotografia.

Esses atributos e nuances perpassam desde a expressão dos sentimentos e o caráter psicológico do cinema expressionista alemão até o contraste acentuado e a ambientação densa da estética noir, assim como aspectos, ainda que sutis, da pintura metafísica, pelo o enigmático vazio na cena e a presença de luzes e sombras geométricas. Compõem-se assim um conjunto de propriedades visuais analisadas na pintura de Hopper que influenciam essa citação que surge como uma maneira de ressignificação de pensamento. Nessa produção, a imagem em movimento do vídeo não tem por objetivo imaginar a cena seguinte que uma pintura de Hopper possa indicar, mas sim potencializar uma ideia de continuidade através da repetição de um instante que não se altera.

A fotografia, mesmo que suponha o extracampo, pretende concentrar a propriedade narrativa e temporal no limite de uma imagem única e fixa. No contexto dessa pesquisa, ela não atua como meio de passagem entre a pintura e o cinema, também não é construída para emular a aparência de um filme cinematográfico. As imagens integrantes dessa série são uma interpretação da densidade dramática e conceitual das interações cotidianas que Hopper retratou, agora atualizadas e percebidas através da observação do mundo atual.







Currículos

Carlos Donaduzzi

Artista Visual. Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFRGS, bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Híbridos na Arte Contemporânea/CNPq (UFRGS) e Grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq (UFSM). Atuou como artista visual no projeto Neuroarte: museu itinerante de neurociência, arte e tecnologia, com bolsa de desenvolvimento tecnológico e industrial – B do CNPq (2015-2017). Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART/UFSM, bolsista CAPES. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

Premiado no Salão Latino-Americano de Artes Plásticas, promovido pelo Museu de Arte de Santa Maria – RS em 2014 e menção honrosa no mesmo evento em 2017. Participa de exposições coletivas e individuais desde 2010, com trabalhos nas áreas de fotografia, vídeoarte e audiovisual. integra a comissão organizadora do Fórum Arte, Cinema e Audiovisual, desde 2015 e do Assimetria, festival universitário de cinema e audiovisual, 2018, evento vinculado a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

Site: dzzcarlos.com

Principais Exposições

A Frente e o Verso do Olho - Fundação ECARTA - Porto Alegre/RS, 2018. (Coletiva)

Notas de Subsolo - Porão do Paço Municipal – Porto Alegre/RS, 2017. (Coletiva)

Exposição Arte Computacional - Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília/DF, 2015. (Coletiva)

III SUR/SUL - Montevideu – UY, 2014. (Coletiva)

Entre Sensíveis Pixels - Galeria Mamute - Porto Alegre/RS, 2013. (Coletiva)

Idades Contemporâneas - Museu de arte contemporânea do RS - Porto Alegre/RS, 2013. (Coletiva)

Outros Lugares - Espaço Cultural Chico Lisboa - Porto Alegre/RS, 2011. (Coletiva)

Conexões Tecnológicas - Instituto Cervantes - São Paulo/SP, 2010. (Coletiva)

Sandra Rey

Artista visual, curadora e professora. Desenvolve produção a partir de pesquisas em fotografia e tecnologia digital produzindo trabalhos em grandes e pequenos formatos, vídeos, instalações, livros de artista. Professora Titular do Departamento de Artes Visuais, Docente Permanente do Programa de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora no CNPq. Criou e coordena o Grupo de Pesquisas Processos Híbridos na Arte Contemporânea, ativo desde 2005 na base do CNPq.

Prêmios: Situações Brasília 2014. Prêmio de Arte contemporânea, Museu Nacional do Conjunto Cultural da República de Brasília. II Prêmio Fotografia Ciência & Arte, CNPq 2012. Exposições: 2016 - ConVergências, Pinacoteca Feevale. É vida, MARGS-RS. 2015 - Espelho D'água, Exposição Individual, Curadoria Bruna Fetter, Galeria Mamute, Porto Alegre. Deambulações entre Gravuras e Rinocerontes: Mostra Internacional de Arte Impressa, Exposição Coletiva Internacional. Professora Visitante no PPGAV da UFSM, Docente Permanente do PPGAV-UFRGS.

Site: sandra-rey.com

Principais Curadorias

Inter | Dito (exposição coletiva), Galeria de Arte Mamute, Porto Alegre/RS, 2015.

FAZERRESSURGIRAPINTURA (Artista Eliane Chiron), Galeria de Arte Mamute, Porto Alegre/RS, 2014.

Fazer e desfazer a paisagem (Exposição coletiva), Casa de Cultura da UFJF, Juiz de Fora/MG, 2012.

In Progress (Exposição Coletiva), Galeria de Arte Mamute, Porto Alegre/RS, 2012.

Créditos

Organização: Carlos Donaduzzi e Sandra Rey
Projeto Gráfico: Carlos Donaduzzi
Revisão: Ana Luiza Vedovato
Fotografias: Carlos Donaduzzi

Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado sem autorização expressa, por escrito, dos autores, exceto pelo uso de citações.

Primeira edição, 2019
© Editora PPGART, 2019

Editora PPGART
Av. Roraima, 1000
Centro de Artes e Letras - CAL
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Santa Maria - RS
97105-900

coral.ufsm.br/editorappgart



Carlos Donaduzzi

dzzcarlos.com
dzzcarlos@gmail.com

instagram: dzzcarlos

